

**MICHEL FOUCAULT, A LOUCURA, E A REFORMA PSIQUIÁTRICA EM MINAS
GERAIS: BREVE COMENTÁRIO DO CURTA-METRAGEM
“EM NOME DA RAZÃO”¹**

(MICHEL FOUCAULT, THE MADNESS, AND THE PSYCHIATRIC REFORM IN MINAS
GERAIS: BRIEF COMMENTS OF THE SHORT FILM " EM NOME DA RAZÃO ")

Lucíola Freitas de Macêdo

Psicanalista, Psicóloga, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise,
Especialista em Psicologia Hospitalar (CRP-4a região),
Mestre em Filosofia (UFMG),
Coordenadora Clínica do Serviço de Psicologia do Hospital das Clínicas da UFMG,
Professora dos Cursos de Especialização "Psicologia da Educação"
e "Clínica Psicanalítica nas Instituições de Saúde" (PUC-Minas).

Resumo: A motivação inicial deste escrito deu-se a partir do comentário livre e da projeção do Filme "Em nome da Razão", de Helvécio Ratton, no contexto da 2ª Jornada de Ciências Sociais da FAFICH-UFMG “ O pensamento de Michel Foucault”, promovida pelo Doutorado em Sociologia e Política.

O artigo discute e articula, através das reflexões propostas por Michel Foucault a propósito da loucura, aspectos da reforma psiquiátrica em Minas Gerais.

Palavras-chave: loucura, saúde mental, Reforma Psiquiátrica, desrazão, experiência trágica.

Abstract: The initial motivation of this writing has been from the comment and projection of the film "In the name of Reason," by Helvécio Ratton, in the 2nd Congress of Social Sciences FAFICH-UFMG "The thought of Michel Foucault," sponsored by the Ph.D. in Sociology and Politics. The article discusses and articulated through the ideas proposed by Michel Foucault on the madness, some aspects of psychiatric reform in Minas Gerais.

Key-words: insanity, mental health, Mental Illness, tragic experience

¹ Conferência e comentário do curta-metragem de Helvécio Ratton, proferidos na 2ª Jornada de Ciências Sociais da FAFICH-UFMG – “ O pensamento de Michel Foucault”, promovida pelo Doutorado em Sociologia e Política da UFMG, em novembro de 2004.

I- **Sobre o contexto político:**

O ano de 1979 é considerado um marco para a história da reforma psiquiátrica mineira: ano em que o trabalho que vinha sendo realizado há mais de dez anos pela Residência de Psiquiatria da FHEMIGH produziu efeitos notáveis e decisivos no campo social: ano povoado de denúncias publicadas nos jornais, e ano em que o Secretário de Saúde abriu as portas de todos os hospitais psiquiátricos públicos para a imprensa. Foi este ato que tornou possível a série de reportagens intitulada *Nos porões da loucura*, assim como o filme “Em nome da Razão”, de Helvécio Ratton.

No mês de dezembro do mesmo ano realizou-se, com a presença de Franco Basaglia, o III Congresso Mineiro de Psiquiatria, onde foram apresentadas propostas para a reformulação das políticas de saúde mental em Minas Gerais. Poderia-se inferir, que talvez neste momento tenha se iniciado a Reforma Psiquiátrica mineira. Esta nasceu do diálogo, e mesmo do exercício tenso e difícil, permeado de avanços e retrocessos entre três campos distintos do saber: a psiquiatria, a psicanálise e a dimensão sócio-política, numa complexa elaboração feita a partir das contribuições de Pinel, Kraepeling, Freud, Lacan, Foucault e Basaglia.

II- **História da psiquiatria e da reforma psiquiátrica em Minas Gerais²**

24 de janeiro de 1817 – foi internado o primeiro “doente mental” em MG, na Santa Casa São João Del Rei, em seu anexo para loucos, tendo sido esta a primeira unidade psiquiátrica em Hospital Geral, que funcionou até 1902. Antes disso os loucos viviam nas ruas ou nas cadeias.

1903 – Barbacena, instalou-se o Hospital de Assistência a Alienados, centralizando os recursos públicos que eram repassados para as Santas Casas.

1911 – Inaugurada a Colônia de Barbacena, sob o princípio de que o louco deveria trabalhar. A superlotação hospitalar minou todos os planos de um “trabalho terapêutico” para os internos.

² Os dados históricos citados neste trabalho foram pesquisados no livro *Reforma Psiquiátrica & Movimento Lacaniano*, de Francisco Paes Barreto.

1922 – Belo Horizonte, criação de um novo Hospital Psiquiátrico como tentativa de resolver o problema da super lotação, O Instituto de Neuropsiquiatria, atual Instituto Raul Soares.

1937 – Criação da primeira clínica psiquiátrica particular - Casa de Saúde Santa Clara.

1953 – Existiam em Minas Gerais 16 clínicas privadas, ainda que a grande maioria das internações fossem feitas em Hospitais Públicos. Tais clínicas possuíam instalações precárias e não tinham vocação terapêutica.

1962 – Belo Horizonte – Hospital Galba Veloso

1980 – Implantação do Projeto de Reestruturação da Assistência Psiquiátrica Pública, que teve início no Instituto Raul Soares, se estendeu ao Hospital Galba Veloso, ao Centro Psicopedagógico e ao Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena.

1987 – O movimento de Saúde Mental mineiro adotou as teses do II Encontro Nacional de Trabalhadores de Saúde Mental, realizado em Bauru-SP, cuja proposta defende “uma sociedade sem manicômios”. O foco não é mais a transformação do hospital psiquiátrico, mas sua abolição e substituição gradativa por outro modelo de assistência em saúde mental e por outros dispositivos: ambulatorios, hospitais-dia, serviços de urgência, centros de convivência e pensões protegidas.

1995 – Publicação da Lei Estadual n. 11.802, mais conhecida como Lei Carlão, que dispõe sobre a promoção de saúde mental. Determina a implantação de ações e serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos e extinção progressiva dos mesmos. A partir desta lei se dá a união de forças de órgãos estaduais e municipais: na gestão do prefeito Patrus Ananias dá-se a criação e o início da implementação do novo modelo de atenção a saúde mental. Na gestão do prefeito Célio de Castro tem-se a criação e o início da implantação dos lares abrigados em Belo Horizonte, que serve de referência para outros municípios que começam a funcionar dentro do novo modelo.

2001 – Publicação da Lei Federal n. 10216, mais conhecida como Lei Paulo Delgado, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental: detém a expansão dos leitos manicomial, dispõe sobre um novo tipo de cuidado, e sobre fim das internações anônimas.

A história da psiquiatria mineira foi dominada, até as duas últimas décadas do século XX, pela história de seus manicômios, e da repetição em série das cenas mostradas por Helvécio Ratton em seu filme: uma história de segregação e violência, “onde o interesse terapêutico só apareceu em momentos efêmeros ou em iniciativas isoladas”³.

III - Michel Foucault, a desrazão e a loucura

Michel Foucault participou da virada desta página da “história da loucura” em Minas Gerais, não apenas através da força subversiva da sua obra, como também através de sua presença, através de suas vindas ao Brasil, durante os anos difíceis em que vigorava o regime Militar: esteve em 1965 na USP, em 1975/76 em Belém, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Poderíamos afirmar que, de um modo geral, os escritos de Foucault sobre a loucura acompanham os movimentos e as rupturas presentes nos diferentes modos de abordagem criados por ele ao longo de sua obra: há uma primeira abordagem da loucura, a arqueológica, tributária de sua obra de maior impacto sobre o movimento da reforma psiquiátrica no Brasil – a *História da Loucura*; há uma segunda abordagem da loucura, a genealógica, em que Foucault procede a uma ampla crítica das ressonâncias estruturalistas de sua primeira “fase”, ao mesmo tempo em que faz uma análise da loucura a partir dos mecanismos de saber-poder; e ainda uma terceira abordagem, a chamada “estética da existência”, em que o problema da loucura já não ocupa um lugar de destaque.

Privilegiarei nesta conferência a produção foucaultiana circunscrita ao que chamei de primeira abordagem sobre a loucura, considerando o impacto da mesma sobre o campo das práticas *psis*, sobre a reforma psiquiátrica, e sobre os movimentos de luta antimanicomial.

A primeira referência importante situada nesta obra encontra-se, em seu primeiro prefácio, conhecido como “Prefácio” de 1961, suprimido na segunda edição da *História da loucura*. Nesse escrito a loucura é concebida como uma experiência trágica.

³ PAES BARRETO. *Reforma Psiquiátrica & Movimento Lacaniano*, p.206.

Sua leitura ganha uma tonalidade especial a partir de uma declaração em que Foucault explicita as razões pelas quais depois de estudar filosofia, nos anos 50, decide trabalhar com a loucura, em um hospital psiquiátrico:

...tinha sido bastante louco para estudar a razão, era bastante sensato para estudar a loucura... Era a época da eclosão da neurocirurgia, do início da psicofarmacologia, o reino da instituição tradicional. No começo, aceitava essas coisas como necessárias, mas ao fim de três meses (tenho o espírito lento!), perguntei: “Qual é a necessidade delas?” Depois de três meses, abandonei esse trabalho e parti para a Suécia, com um sentimento de profundo mal-estar, e comecei a escrever uma história dessas práticas.⁴

Essa declaração evidencia o que parece ter sido o cerne de sua posição no que concerne o problema da relação entre loucura e razão. Poder-se-ia dizer que ela contém, já de partida, a semente de um paradoxo: suficientemente louco para estudar a razão e sensato para estudar a loucura. Ela aponta também para “um sentimento de profundo mal-estar” diante da instrumentalização da loucura pela ciência e técnica nascentes, que parecem ter sido o grande motor de sua investigação: qual é a real necessidade delas no que se refere ao campo das ditas “doenças mentais”?

Foucault parece, desde o início de suas investigações sobre o tema da desrazão, nutrir um especial apreço à hipótese de que a experiência em jogo na loucura seria uma experiência trágica. Mas o que parece particularmente interessante é que a problemática trágica aparece como uma questão de peso apenas nos dois primeiros capítulos da 2ª edição da *História da loucura* e, ainda assim, circunscrita a períodos históricos específicos: à Idade Média e ao Renascimento. Ou seja: o que, no “Prefácio” de 1961 se apresenta como uma inspiração decisiva e mesmo norteadora de toda a obra, no corpo da segunda edição, datada de 1972, aparece diluído em meio ao problema principal, a saber, o da loucura na Idade Clássica, e à sua extensa pesquisa histórica.

Parece que o “Prefácio” de 1961, escrito após o corpo do livro⁵, tem mais afinidade teórica com escritos posteriores de Foucault, aqueles produzidos entre 1961 e 1966, período

⁴ FOUCAULT. Truth, Power, Self (Verité, pouvoir et soi), p.1598.

Tradução livre do francês feita pela autora.

⁵ O fato é que, de acordo com a cronologia de Daniel Defert e François Ewald, publicada no primeiro volume de *Dits et écrits*, Foucault teria aproveitado seu “exílio” em Upsália, para dedicar-se ao que será, futuramente, sua tese principal de doutorado. Ele fora indicado por Dumézil para ocupar a vaga do cargo de leitor e diretor da Maison de France em Upsália. Ocupa o posto em outubro de 1955, permanecendo na Suécia até

em que Foucault contemplou em vários de seus seminários, assim como no livro *Raymond Roussel*, publicado em 1963, as relações entre a loucura e a literatura dentro de uma perspectiva trágica.

A supressão do primeiro prefácio é ainda hoje um tema polêmico, objeto do comentário de pesquisadores e biógrafos⁶. Para Roberto Machado, esta parece incluir-se no esteio do que ele chamou de “O ocaso da literatura”, um dos capítulos de sua obra consagrada às relações entre a filosofia e a literatura na obra de Michel Foucault.

A hipótese defendida por Machado é de que o desaparecimento de uma terminologia estruturalista, no momento em que Foucault define seu projeto de pesquisa histórico-filosófica como uma genealogia, teve como objetivo “marcar o afastamento de Foucault da problemática da linguagem — do modelo da fala, da língua, da escrita — que lhe tinha sido tão cara até então.”⁷

Para Didier Eribon, por sua vez, o “Prefácio” de 1961, de “ascendência dumeziliana”, estaria marcado, em primeiro lugar, pelo modo como Dumézil aplicara a idéia de estrutura à história das religiões. Foucault havia declarado, em entrevista ao *Le Monde*⁸, concedida logo após a publicação da primeira edição de sua *História da loucura*, que, de modo análogo ao qual Dumézil havia feito com os mitos, tentara descobrir uma “coerência estrutural”, ou, ainda, “formas estruturadas de experiência”, cujo esquema pudesse repetir-se, no campo da loucura. Para Eribon, as estruturas isoladas por Foucault ao longo da *História da loucura* foram as da exclusão e da segregação.

Além da idéia de estrutura como “forma de experiência”, Foucault estava em busca de um gesto inaugural que remontasse, até a “origem”, ao momento em que se estabeleceu a divisão radical, excludente e sem retorno, entre a razão e a desrazão, entre a razão e a

outubro de 58, quando parte para Varsóvia, onde é encarregado de reabrir o Centro de Civilização Francesa. Em 58, escreve a última versão da tese e a submete a G. Canguilhem, que será relator de Foucault, junto com Daniel Lagache, em seu doutoramento. *Folie et déraison* é escrito, portanto, basicamente entre 1956-58, havendo entre a escrita do texto e a de seu prefácio, já com fins de publicação, um intervalo de dois anos. Em 61, inicia a redação de *Raymond Roussel*, momento em que começa a se interessar amplamente pela problemática da linguagem e da literatura, em suas interfaces com a loucura; em 63, começa a escrever o que chamava na época de “um livro sobre os signos”, que será publicado em 1966, com o título *As palavras e as coisas*.

⁶ Quanto a esse ponto, consultar *Foucault e seus contemporâneos*, de Didier Eribon, p.87-99. Ver também *Foucault, a filosofia e a literatura*, de Roberto Machado, p.117-136.

⁷ MACHADO. *Foucault, a filosofia e a literatura*, p.118.

⁸ Essa entrevista foi republicada em *Dits et écrits*, com o título “La folie n’existe que dans une société”, t.1, p.167-169. Foi republicada também em *Ditos e escritos I — problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*, p.149-151.

loucura. Ainda que a “pureza primitiva” da loucura, anterior à “toda captura pelo saber”, lhe fosse inacessível, acreditava que o “estudo estrutural” lhe permitiria “remontar à decisão que liga e separa ao mesmo tempo razão e loucura.”⁹

Segundo Eribon, esse fato primitivo, fundador, constituinte da possibilidade mesma da história, foi encontrado por Foucault em Descartes. É na comentada frase da primeira das *Meditações cartesianas*¹⁰, que Foucault identificaria o gesto soberano pelo qual a razão excluiria a loucura. Esse gesto, contemporâneo da internação dos insensatos, vem acompanhado de um acontecimento histórico, o decreto de fundação do hospital geral de Paris, em 1656, como também de outros “acontecimentos clássicos”¹¹, portadores de significados políticos, religiosos, econômicos e morais, consoantes às estruturas essenciais desse período em seu conjunto. É dessa sedimentação arcaica, selada pelo gesto cartesiano, que Foucault se pretende arqueólogo.

Se, por um lado, o gesto cartesiano parece dar à loucura um lugar na ordem das razões, ainda que sob a égide da exclusão, por outro, parece confiná-la aos limites do corpo. A causalidade da loucura parece estar em outro lugar que não no vivido, no pensamento, ou na palavra. O cérebro do louco se apresenta, nas palavras de Descartes, impermeável ao pensamento, incapaz de um exercício tão nobre, ofuscado e perturbado que está, “pelos negros vapores da bile”.

Algumas centenas de anos são transcorridas até que ao delírio se conceda a dignidade de um modo de pensamento, e, ainda, que se reconheça uma lógica própria onde

⁹ FOUCAULT. *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique*, p. VII.

¹⁰ DESCARTES. *Meditações*, p.86. Essa frase se encontra no argumento do erro do sentido, primeiro grau da dúvida: “Mas, ainda que os sentidos nos enganem às vezes, no que se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que esta mão e este corpo sejam meus? **A não ser, talvez, que eu me compare a esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro. Mas quê? São loucos e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos.**”

¹¹ No segundo capítulo da *História da loucura*, Foucault explicita o que ele chama de acontecimento clássico: ele se refere claramente ao procedimento cartesiano, tido por ele como “o grande exorcismo da loucura”. Segundo Eribon, quando ele utiliza os termos “acontecimento clássico”, “sensibilidade clássica”, “cultura clássica”, “idade clássica”, está designando menos um período cronológico da história que a conjunção entre gestos situados simultaneamente na ordem do discurso filosófico, consoantes com ações que subsidiariam os fatos sociais, artísticos, morais, religiosos e econômicos dessa mesma época.

reinava apenas o caos¹². Foucault, nesse sentido, ainda que em campos diferentes do saber, trilha o caminho inaugurado por Freud e Lacan. O que lhe inquieta não é que a loucura seja considerada por Descartes, ao lado do sonho, como uma forma de erro, mas a exclusão absoluta que ele estabelece entre o pensamento e a loucura. O estatuto da loucura passa a ser, portanto, aquele da impossibilidade do pensamento. A consequência desse gesto é que “o perigo da loucura desaparece no próprio exercício da Razão”. A Razão, se apresenta desde então “entricheirada na plena posse de si mesma, onde só pode encontrar como armadilhas o erro, e, como perigos, as ilusões.”¹³

Parece que, não menos importante que o gesto cartesiano, se não como gesto fundador, pelo menos na força de sua imagem, é a figura da *stultifera navis*. Vale lembrar que Foucault começa a grande epopéia da divisão entre razão e loucura com seu elogio à Nau dos Insensatos. Antes do capítulo “A grande internação”, tem-se “*stultifera navis*”.

Foucault defende que bem antes do *Cogito*, haveria uma arcaica implicação da vontade e da escolha entre razão e desrazão. A loucura, herdeira da lepra, é, nos confins da Idade Média e durante todo o Renascimento, o novo objeto provocador das reações de divisão, exclusão e purificação. É nesse contexto que ele afirma, junto aos grandes temas míticos das embarcações e dos heróis imaginários, a existência real, uma vez, de uma tal *Narrenschiff*. (Retira esse dado de autores alemães, como T. Kirchhoff e Kriegk¹⁴).

A Nau dos Loucos, esse estranho barco que deslizava ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos, ocupara, durante toda a Renascença, um lugar privilegiado na paisagem imaginária da época. Esses barcos, guiados por marinheiros, destinavam-se a levar loucos de toda espécie de uma cidade para outra. Além de uma medida de expurgo, eles funcionariam também como naus de peregrinação, “navios altamente simbólicos de insanos em busca da razão”.¹⁵

A “época clássica”¹⁶ é situada por Foucault como o momento em que o racionalismo desqualifica a loucura como erro e perda da verdade e da razão, excluindo o

¹² Elisabeth Roudinesco promove uma instigante discussão sobre esse ponto em sua Introdução à obra *Leituras da História da Loucura (1961-1986)*, p.7-32.

¹³ FOUCAULT. *História da loucura*, p.47.

¹⁴ Consultar, a este propósito, *História da loucura*, p.8-10.

¹⁵ FOUCAULT. *História da loucura*, p.10.

¹⁶ Pode-se afirmar, grosso modo, que a história da loucura foucaulteana se desenvolve segundo três grandes períodos: o final da Idade Média e o século XVI; a Idade Clássica, que abarca os séculos XVII e XVIII, e a Idade Moderna. Se se aprofundar um pouco esta análise, será possível perceber, através de suas referências,

sujeito dito louco de toda e qualquer possibilidade de pensamento. Ele situa entre Montaigne¹⁷ e Descartes uma espécie de linha divisória que tornará impossível a experiência de uma relação de não-exclusão entre razão e desrazão, tal qual tinha-se no Renascimento.

Ao mesmo tempo, Foucault relaciona esse ato da razão que exclui a loucura a uma decisão ética e política. Foucault estabelece, no âmbito da loucura, uma contraposição entre uma ética clássica, por um lado, e uma ética trágica, por outro, atribuindo à segunda uma relação de não-exclusão entre a razão e a loucura.

De acordo com Eribon, o grande problema e a grande novidade da *História da loucura*, que se apresentam de modo explicitamente contundentes em seu primeiro prefácio, estariam na passagem daquilo que inicialmente se propunha como uma estrutura unicamente histórica, que nasceria da história, permaneceria nela durante alguns séculos e então desapareceria, para uma estrutura ontológica. Parece haver, nas entrelinhas do texto foucaulteano, uma verdade da qual ele não abre mão, a saber, que o homem é um ser dividido, sendo o diálogo entre razão e desrazão constitutivo de seu ser:

Assim, Foucault, que quis historicizar a experiência contemporânea da loucura, considerando a “doença mental” não como um dado da natureza, mas como o produto de uma série de transformações históricas, reintroduz aqui um fundamento a-histórico, no qual se encontraria a verdade profunda do homem.¹⁸

IV- A loucura como experiência trágica

A concepção da loucura como uma experiência trágica serve de esteio à crítica feita por Foucault a uma psicologia objetivista e determinista, assim como à ciência positiva como parâmetros universais para se pensar a loucura.

que e periodização utilizada por Foucault na *História da loucura* se aproxima mais daquela do campo das artes e da literatura que daquela da história e mesmo da filosofia. O fato é que o que baliza o tempo cronológico para Foucault em sua arqueologia é a busca de um mesmo “esquema”, de uma mesma “estrutura”, que comandariam os diferentes níveis, as modificações, os ajustes e as transformações próprias a cada esfera social, institucional ou intelectual.

¹⁷ Ainda no segundo capítulo da *História da loucura*, Foucault comenta que, quando em 1580, na Itália, Montaigne encontra Tasso, o poeta enlouquecido, nada lhe assegurava que todo o pensamento fosse ensombrado pelo desatino. Comenta ainda que o mais inquietante é que a história dessa divisão do mundo ocidental se esgote no progresso de um “racionalismo”. Consultar, a propósito dessa discussão, a versão brasileira da *História da loucura*, p.45-48.

¹⁸ ERIBON. *Foucault e seus contemporâneos*, p.94.

A psicologia apropriou-se do homem não como um ser moral, mas como objeto positivo sobre o qual se enuncia uma verdade positiva. A presunção da psicologia positivista teria sido a de ter tomado emprestado os parâmetros e leis das ciências naturais e transpô-las grosseiramente para o campo da experiência humana, para então, a partir daí, autorizar-se a enunciar sua verdade necessária, orgânica e natural.

Na *História da loucura*, e mais precisamente, no capítulo “Do bom uso da liberdade”, Foucault explicita de que modo o estatuto da loucura, construído social e politicamente, veio a se tornar uma verdade natural. De que maneira o artefato loucura se tornou natureza. Como o internamento, antes justificado como espaço de exclusão da escória da sociedade, se transformou em espaço de cura. A internação, que era fundamento, motor e mantenedor da exclusão, se tornou uma consequência da natureza da loucura. Em suma, a maneira através da qual se aliena, reaparece como natureza da alienação.

O que Foucault denuncia não é tanto a positividade da psicologia, “mas o esquecimento arrogante da experiência histórica através da qual o projeto antropológico pôde ter sentido.”¹⁹ Pegando carona com a psiquiatria positivista e ignorando as condições sócio-políticas de emergência da loucura, a psicologia justificaria, através de sua pretensão de neutralidade e de objetividade serena, o pretense determinismo orgânico da loucura. Para Foucault, a loucura, tanto como fenômeno psicológico, quanto como essência positiva, se constituiu enquanto uma formação histórica de sentido.

Em *O não do pai*, explicita sua hostilidade ao psicologismo cientificista e à interpretação psicológica de textos literários, através de uma crítica mordaz:

A gravitação segundo a lei da maior vulgaridade possível à qual está submetida, em sua maior parte, a população dos psicólogos, conduziu-a, há muitos anos, ao estudo das “frustrações”, no qual o jejum involuntário dos ratos serve de modelo epistemológico indefinidamente fecundo.²⁰

¹⁹ GROSS. *Foucault y la locura*, p.67.

²⁰ FOUCAULT. *O não do pai*, p.179.

Em seu intuito de demonstrar a relatividade das verdades sobre a loucura, transmitidas através das ciências positivas, e do que ele chama, no “Prefácio” de 1961, de comodidade das verdades terminais ou de monólogo da razão sobre a loucura, Foucault entra no universo da loucura sem buscar subsídios nas nosologias psiquiátricas, ou no campo dos saberes psicológicos: “É que, além de qualquer referência a uma ‘verdade’ psiquiátrica, era preciso deixar falar, por eles próprios, essas palavras, esses textos que vêm de um debaixo da linguagem, e que não eram feitos para dar acesso à palavra”²¹.

Ao invés das verdades psicológicas e psiquiátricas, propõe outros parâmetros através dos quais lançar um olhar e construir um saber sobre a loucura. É nessa busca que a experiência trágica, via literatura, tem seu lugar. Foucault utiliza-se do próprio texto dos arquivos, suas linhas e entrelinhas, sua linguagem, privilegiando também a literatura antiga, moderna e contemporânea, portadora do espírito, das marcas do trágico. Neles irá cotejar seu método de trabalho. Afirma que, por regra e por método, reteve apenas uma: “eu retirava das coisas a ilusão que elas produzem para preservar-se de nós e lhes deixava a parte que elas nos concedem.”²² É na literatura que vai encontrar uma definição de verdade que lhe sirva não só de guia e inspiração, mas como regra e método.

O que parece interpelar Foucault, o fôlego que parece sustentar a *História da loucura*, do início ao fim, encontra-se no mutismo e na pobreza constituintes da loucura transformada em doença mental. Esvaziada de enigmas e de paixões, embrutecida, confinada e isolada, a loucura na modernidade é puro horror e tédio:

... no meio do mundo sereno da doença mental, o homem moderno não se comunica mais com o louco; há de um lado o homem da razão que delega para a loucura o médico, não autorizando, assim, relacionamento senão através da universalidade abstrata da doença; há, do outro lado, o homem de loucura que não se comunica com o outro senão pelo intermediário de uma razão igualmente abstrata, que é ordem, coação física e moral, pressão anônima do grupo, exigência de conformidade.²³

É contra essa ordem das coisas, portanto, que Foucault propõe recuperar, mais além das positivities científicas, a loucura enquanto experiência trágica:

²¹ FOUCAULT. O não do pai, p.147.

²² FOUCAULT. O não do pai, p.148.

²³ FOUCAULT. O não do pai, p.141.

estamos neste ponto, nesta dobra do tempo na qual um certo controle técnico da doença recobre mais do que designa o movimento que fecha sobre si a experiência da loucura. Mas é esta dobra justamente o que nos permite desdobrar o que durante séculos permaneceu implicado: a doença mental e a loucura — duas configurações diferentes, que foram juntadas e confundidas a partir do século XVII, e que se desenlaçam agora sob nossos olhos, ou melhor, em nossa linguagem.²⁴

O que parece decisivo, e por onde Foucault justifica a propriedade da literatura como fonte de dados para a sua investigação sobre a loucura e sua história, é a presença da contradição sem esperanças de superação, da fusão dolorosa dos contrários, da expressão de uma experiência-limite em determinado tipo de literatura. É essa categoria que as obras de Diderot, Sade, Nerval, Hölderlin, Mallarmé, Roussel, Artaud, entre outros, permitem resgatar.

A presença simultânea dos contrários se apresenta de diferentes modos, de acordo com o universo simbólico de cada época. De acordo com Frederic Gross, a desrazão renascentista modula a contradição em uma dimensão cósmica, em que real e imaginário se misturam; a desrazão clássica a modula em uma dimensão ontológica, no nível do ser ou não ser, em que o paradoxo da loucura consiste em manifestar o nada, o não ser; já a desrazão moderna se dá em uma dimensão antropológica, que se inscreve a partir das oposições sujeito x objeto, sentido x sem-sentido. Essas seriam, portanto, para Foucault, as grandes estruturas da desrazão.

O modo de exclusão próprio de cada época, seus arquivos, assim como as fontes literárias ou pictóricas constituem o que Foucault chama de experiência fundamental de uma época. A possibilidade de uma experiência, por sua vez, só se sustentaria pelo entrelaçamento dessas entidades históricas concretas, não sendo possível, portanto, isolar a loucura em sua pureza original, desgarrada dos modos e das linguagens que se utilizam para apreendê-la.²⁵

Foucault propõe que se relativizem as verdades transmitidas pelas ciências positivas da loucura, em nome do que ele entende como uma experiência primordial desta. De acordo com Eribon, haveria para Foucault uma experiência trágica fundamental, “antes de

²⁴ FOUCAULT. A loucura, a ausência da obra, p.193.

²⁵ Esse conjunto de modos e linguagens, dos quais a literatura faz parte, é que pode ser entendido como possíveis mediações, que em cada época, permitiriam uma aproximação ao universo particular da loucura.

qualquer divisão, antes de qualquer exclusão, e que reside no fato de que o próprio homem está dividido e que o diálogo entre razão e desrazão é constitutivo do seu ser”²⁶.

É dentro desse contexto, que Foucault utiliza, diversas vezes, em seu “Prefácio” de 1961, o termo estrutura. A “divisão trágica do mundo feliz do desejo”, e em seu esteio, a divisão entre o mundo da razão e aquele da loucura, são aí definidas por ele como as “estruturas imóveis do trágico”²⁷ a partir das quais a história se faz.

Ainda segundo Eribon, haveria no vocabulário de Foucault, pelo menos dois tipos de estruturas: uma estrutura trágica, imóvel, lugar originário a partir do qual a história é contada, lugar das experiências-limites, das escolhas, das descontinuidades implicada nessa categoria; e estruturas que são conjuntos históricos nos quais, “em um momento dado, em uma época dada, se organizam, nos discursos, nas práticas, nas sensibilidades, as modalidades históricas da exclusão”²⁸. Esses conjuntos históricos, por sua vez, apreendidos pelo estudo estrutural, seriam apenas variações contingentes, através da história, de uma estrutura original e fundamental, que é a da “divisão”.

Eribon explicita de que modo Foucault busca uma articulação entre análise estrutural e análise histórica. Ele tenta delinear as “formas estruturadas de experiência” que caracterizam as diferentes épocas, para mostrar o que as distingue umas das outras. Eribon agrega:

“uma história estrutural em que as estruturas se encadeiam umas nas outras, em um devir destacado de toda teleologia, sem progresso em direção a uma verdade, mas no jogo contingente das reorganizações, das reestruturações produzidas pelos acontecimentos políticos, jurídicos e principalmente econômicos”²⁹

É pois, contra o reducionismo da categoria de doença mental, que Foucault vai buscar no coração da Antiguidade Clássica, e na literatura moderna e contemporânea, o seu estatuto: aquele de uma experiência, que traz em seu cerne, a problemática trágica.

²⁶ ERIBON. *Foucault e seus contemporâneos*, p. 93.

²⁷ FOUCAULT. Prefácio, p. 143.

²⁸ ERIBON. *Foucault e seus contemporâneos*, p.93.

²⁹ ERIBON. *Foucault e seus contemporâneos*, p.91.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARRETO, Francisco P. *Reforma Psiquiátrica E Movimento Lacaniano*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- DEFERT, D. & EWALD, F.. Chronologie. IN: *Dits ET écrits I*, 1954-1975. Paris: Quarto Gallimard, 2001, p.13-90.
- DESCARTES. Meditações. In: Descartes. Trad. J. Guinsgurg e Bento Prado Jr. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p 73-142. Col. Os Pensadores.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- FOUCAULT, MICHEL. *História da loucura na Idade Clássica*. 6.ed. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1999. Col. Estudos.
- _____. *Histoire de la Folie à l'âge Classique* (1961). Paris: Gallimard, 1972.
- _____. Verité, pouvoir et soi. IN: *Dits ET écrits II*, 1976-1978. Paris: Quarto Gallimard, 2001, p.1597-1602.
- _____. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. Tome I, p. 159-167: Préface à Folie et Dérison. Histoire de la folie à l'âge classique(1961); p.189-203: Le <<non>> du père (1962); p. 518-539: La folie, l'absence d'oeuvre (1964).
- _____. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Coleção Ditos e Escritos, v.I. Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Organização: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1999, : p.140-148 : Prefacio (Folie et déraison) (1961); p. 169-183: O "Não"do Pai (1962), p. 190-198: A loucura, A ausência da Obra (1964).
- _____. *Raymond Roussel*. Paris: Gallimard, 1992. Col. Folio/Essais.
- _____. *Raymond Roussel*. Trad. Manoel Barros da Motta e Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- GROSS, Frédéric. *Foucault y la locura*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2000.
- ROUDINESCO, E. et al. *Foucault: leituras da História da loucura*. Trad. Maria Ignes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.